

POST-SCRIPTUM
(1961)

ACÇÃO DE GRAÇAS

Fernando J.B. Martinho*

É sabido que Jorge de Sena, quando publicou *Poesia-I*, em 1961, incluiu no fim do volume um conjunto de dispersos e inéditos compostos entre 1944 e 1959 a que deu o título de *Post-Scriptum*. Dele faz parte o poema que nos propomos analisar.

“Acção de Graças” é um breve texto datado de 1950, constituído por dois dísticos e um verso, a fechar. Como o título sugere, trata-se de um poema em que o sujeito, de certo modo à semelhança do que se verifica em certas formas do género discursivo oração, dá graças por uma experiência de vida que o toca profundamente. Aqui, surge a primeira dificuldade. O agradecimento a que dá expressão é apenas um agradecimento à vida, por uma vida que se inicia, representada pela filha junto de si, e que impõe a sua presença através dos sons de fala que produz? Ou será, antes, a sua uma acção de graças dirigida a Deus pela existência de um ser, a sua primogénita, que exige a sua atenção, através dos sons ininteligíveis que, então, pronuncia, capazes, porém, de interromper a meditação que o seu gesto de gratidão implica? Não é nossa intenção dar uma resposta cabal a estas interrogações, nem isso na circunstância importa, dada a complexidade das questões envolvidas.

A verdade é que a decisão dos organizadores de *Verbo: Deus como Interrogação na Poesia Portuguesa (Carmina 1, 2014)*, Tolentino Mendonça e Pedro Mexia, inserirem poemas de Jorge de Sena, no seu apertado florilégio, não pode deixar de nos obrigar a uma reflexão, por breve que seja. Os poemas seleccionados (“Declaração”; “Caverna”; “O Amor Não Amado”; “Génesis” e “Súplica Final”) testemunham efectivamente a existência de uma “interrogação” a ou sobre Deus na poesia seniana. Daí a decidir que há uma crença na Divindade na obra de Sena, como, por exemplo, se observa na

obra dos seus amigos Ruy Cinatti e José Blanc de Portugal (não incluído), vai uma apreciável distância. Esta é, aliás, uma questão que não se coloca, na poesia portuguesa contemporânea, apenas em relação a ele. O que diz respeito à mais funda interioridade de cada um, não é, afinal, da nossa conta. Não será, de resto, por acaso que os responsáveis pela antologia acima indicada usam um termo, relativamente a Deus, como “interrogação”.

Mas voltemos ao texto que estávamos a comentar. O *incipit* do poema abre com uma expressão adverbial de tempo. A acção de graças, perante a filha que o sujeito sente junto de si, é algo que se repete, que acontece mais do que uma vez. Realiza-a fechando os olhos, num acto de recolhimento, de concentração interior. O verbo assume um papel fundamental neste texto epigramático. Ao do primeiro dístico contrapõe-se o do segundo par de versos, acompanhado igualmente por um advérbio de tempo, dotado, todavia, de outra imediatez. “Galreia” é um termo de rara expressividade na circunstância, para além de que a repetição da consoante *l* no verso inicial do segundo dístico sugere uma sonoridade equivalente à da fala da criança.

O som aberto do verbo do verso final traz já consigo a dimensão incomensurável da “alegria” com que o poema encerra, não sem antes deixar transparecer o que há de inevitavelmente contraditório em toda a vivência humana.

* Professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se doutorou em Literatura Portuguesa, e leccionou no Departamento de Literaturas Românicas. Anteriormente, foi Leitor de Português nas Universidades de Bristol e Santa Barbara, California. Prémio Jorge de Sena pela publicação de *Jorge de Sena “Aqui no Meio de Nós”, 2017.*